

# RACHEL JOYCE /

## “Os prêmios são uma armadilha”

Mil quilômetros separam um homem de si mesmo. Ou assim o descobrirá o protagonista de “A Improvável Viagem de Harold Fry”, que um dia recebe uma carta de uma amiga que não vê há 20 anos e que está a morrer. Harold não se fica pela simples resposta por correio e decide caminhar até à amiga. **Carolina Pelicano Falcão** falou com a autora sobre a peregrinação e **Eduardo Martins** conseguiu que a timidez da autora não impedisse um retrato

**A** viagem a Lisboa foi curta de mais para Rachel Joyce saber onde estava. Chegou à capital de noite e foi directa para o hotel sem ver as vistas. Tudo isto provocou-lhe a sensação de acordar em nenhures. Assim nos conta a própria, que, antes de uma série de entrevistas que neste dia a esperavam, foi à rua a ver se sentia a cidade. Antes de voltar a embarcar, nesse mesmo dia, a escritora inglesa de 52 anos, que durante muitos outros foi actriz e depois disso se dedicou a escrever peças para a BBC Radio Four, falou-nos sobre o seu romance de estreia, pelo qual a crítica a inscreveu na rota da nova geração de escritores ingleses. Prêmios à parte – como o National Book Award –, que considera uma armadilha que não quer que influencie o que escreve, a sua ode vai para a vida simples.

Começou a escrever este romance quando soube que o seu pai tinha cancro. Como saltou desta notícia para a história de um homem que um dia sai de casa para pôr uma carta no correio e nunca mais pára de andar? Acho que conscientemente não sabia o

que estava a fazer. Muitas vezes quando se escreve uma história não se sabe porquê. O meu pai já tinha cancro há uns quatro anos mas aquele foi o ponto em que nos disseram que não havia nada a fazer. Foi um período devastador. Foi aí que comecei a escrever, em segredo. Não contei a ninguém. Mas agora olhando para trás percebo que nessa altura me apercebi de que o meu pai estava a morrer, que não havia nada a fazer, e então comecei a escrever a história deste homem que salva alguém. Às vezes a vida apanha-nos em momentos caóticos e escrever é como tentar dar uma estrutura a isso e uma nota positiva. Porque na altura nunca consegues ver coisas positivas. **Harold, a personagem do livro, tem semelhanças com o seu pai?**

Sim, tem algumas. Acho que o Harold é

uma mistura de muitas pessoas diferentes. Mas uma coisa que tinham em comum é a maneira como usavam a gravata e o casaco. E também ambos tinham muita dificuldade em falar das coisas que sentiam, uma certa reserva.

**No livro, a palavra “fé”, não num sentido religioso, é o que conduz Harold na sua viagem, quando conhece uma rapariga numa bomba de gasolina que lhe fala na importância de acreditar numa coisa. Acha que a fé é o que move as pessoas?**

Sim, acho que sim. Muitos de nós andamos à procura de uma verdade que é maior do que nós. De certa maneira, a viagem de Harold é uma peça de arte: não sabes se vais chegar ao fim, não sabes sequer se está certo, não sabes se vai funcionar ou se alguém vai gostar. Mas, ainda assim, fazes a coisa. E isso é fé. Acho que tem a ver com tentar fazer algo da vida. E isso é bom. Acho que todos nós, de certa maneira, andamos a tentar encontrar sentido.

**Já encontrou sentido na vida?**

Sim, até certo ponto sim. Escrever, para mim, é uma maneira de tentar realmente entendê-la.

**O caminho feito por Harold não é ape-**

**nas uma maneira de manter viva a sua amiga mas também uma peregrinação dentro dele próprio. Qual é a mística de andar, de peregrinar?**

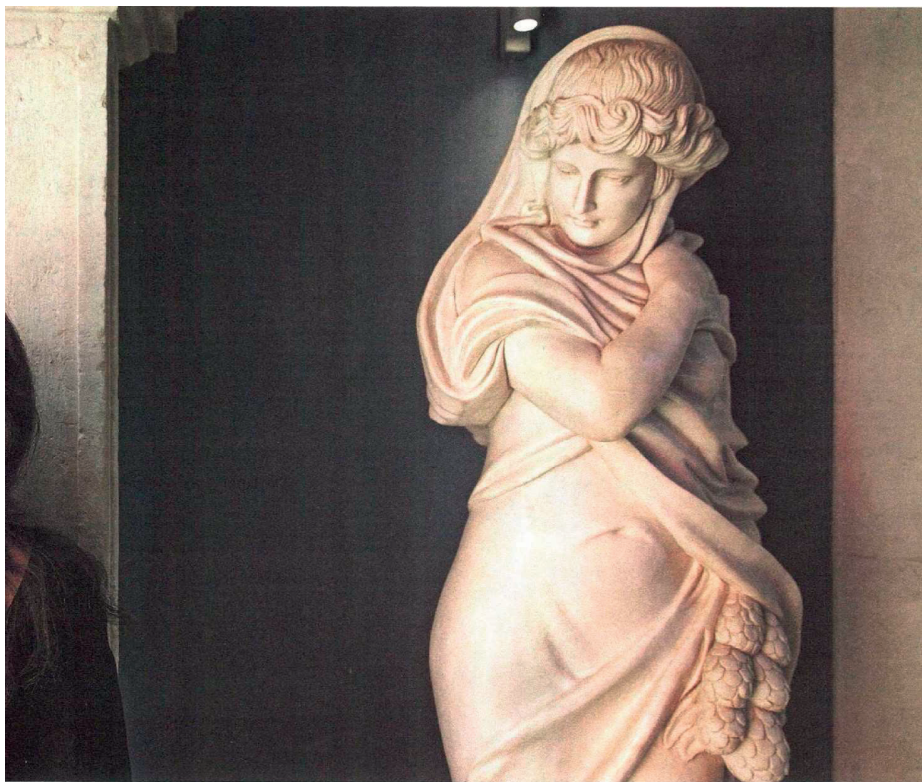
Li bastante sobre peregrinação quando estava a escrever este livro e o que percebi é que a viagem é a coisa. Ou seja, que às vezes o simbolismo não tem a ver com o sítio onde vais, com o destino, mas está no próprio caminho, pôr os pés na estrada e retiras-te daquilo que conheces leva-te a um estado reflexivo. Também fiquei interessada na questão da atenção, de estar realmente ali e não nas tuas memórias, mas no presente. Para mim, o Harold é como uma pessoa que está adormecida há 20 anos e que negou várias verdades sobre a sua vida. Quando aquela carta que o faz andar chega, é como se ele estivesse à espera que alguma coisa o abanasse.

**Alguma vez sentiu esse impulso de simplesmente caminhar e não parar mais?**

Uma vez perguntaram-se se não me conseguia encontrar a mim própria se simplesmente estivesse num aeroporto com uma mala. E eu disse que não, claro [risos]. Algumas vezes, quando as coisas pareciam pesar demasiado, simplesmente saía para andar. Mas geralmente dura



**A IMPROVÁVEL VIAGEM DE HAROLD FRY**  
Rachel Joyce  
Porto Editora  
16,60€



dez minutos, depois volto para casa. Mas isto é diferente, é como uma resposta a uma coisa com a qual não sabes lidar. Esta viagem do Harold é uma coisa que lhe permite ir a um sítio mais e mais profundo.

**Tem conhecido muitos Harolds na vida, muita gente “apagada”, digamos?**

Algumas pessoas como ele, sim. Vivo numa terra muito pequena e tranquila e vejo muitas vezes, em particular homens de uma certa idade, que simplesmente estão a andar pela rua e pergunto-me o que andarão a fazer e aonde irão.

**Nunca calhou perguntar-lhes?**

Não, não. Acho que os assustaria [risos]. Assim como a longa caminhada de Harold mantém a amiga viva, este livro é uma maneira de manter vivo o seu pai?

Acho que acaba por resultar nisso. Quando alguém morre, temos de ser muito cautelosos porque há a tentação de reescrever essa pessoa, e essa pessoa já aí não está para aclarar as coisas. Portanto não se pode romantizá-la. Mas, claro, enquanto escrevia, pensei muito no meu pai, senti muitas saudades dele. Bom, não sou diferente das outras pessoas.

Numa entrevista dizia que grande parte

do sentimento envolvido neste livro tinha a ver com a bravura e a coragem das pessoas comuns de lidar com as grandes situações da vida. A que se refere exactamente?

Todos nós fazemos coisas comuns. Lavamos a loiça, todos vivemos vidas normais, digamos, e temos todos muito em comum nesse sentido. Mas às vezes acontecem-nos coisas que realmente nos atiram para o lado e de maneira alguma podem ser previstas. E acho que lidamos com essas coisas de uma maneira mundana. Por exemplo, a minha filha mais nova, quando tinha três anos, adoeceu gravemente. Eu estava a fazer as minhas coisas e ela estava bem e no minuto a seguir olhei e ela estava completamente azul. E pensei: “Tenho de a levar ao hospital. Não, mas primeiro tenho de acabar de tirar as compras do carro. Não, não, as compras não têm importância, tenho de a levar já.” É a este tipo de mudanças bruscas que me refiro, de passar de coisas banais para grandes questões em segundos, e tens de responder-lhes, mas não num sentido heróico. Cometemos erros.

**Mas essas situações vão fortalecendo as pessoas aos poucos, não?**

Sim. Acho que temos de ir ficando mais fortes porque, quanto mais formos compreendendo, quanto mais honestos conosco mesmos formos, menos estaremos a fingir.

**Nesse sentido, sente-se uma pessoa diferente do que era há uns anos?**

Bom, sim, mas continuo a sentir-me a mesma pessoa que sentia com seis anos, só que pareço mais velha [risos]. E provavelmente sinto-me mais certa em relação a algumas coisas. Mas tenho a certeza que a vida vai continuar a surpreender-me.

**Este livro foi o seu primeiro romance e foi um enorme sucesso, já que ganhou até o National Book Award. Esperava que isso acontecesse?**

De maneira alguma. Foi muito bom mas foi também um choque, acho que fiquei sem saber como responder a isso. Aconteceu tudo muito depressa e para mim a coisa que mais interessava era simplesmente publicar o livro, que era o fim desta jornada. Tudo o resto que veio depois foi uma coisa que de maneira alguma pensei que acontecesse. A questão dos prémios é muito bizarra.

**Bizarra como?**

Bom, acho que os prémios são coisas engraçadas mas implicam um julgamen-

**Foi atriz e trabalhou na Royal Shakespeare Company, mas confessa que não tem saudades de representar. “Quando estás numa peça estás a expressar alguma coisa, e é o mesmo quando escreves, estás a expressar algo”**

to de valor. É muito uma escala de estrelas. Em Inglaterra tudo tem agora classificação de estrelas, quatro, cinco, nove. E às vezes pergunto: “Mas porquê é que tudo tem de ter estrelas?”

**Mas de estimulou-a para continuar a escrever? A Rachel já escrevia há muitos anos para a rádio, mas nunca tinha publicado um romance.**

O prémio não, mas publicar este livro sim, fez-me escrever mais. Na verdade tento afastar-me da ideia do prémio. Não que não seja uma grande honra, mas fazer ou deixar de fazer as coisas por causa de prémios ou da falta deles não é bom. É mais ou menos uma armadilha.

**Mas antes deste livro nunca teve vontade de escrever romances?**

Durante muito tempo escrevi prosa, mas simplesmente nunca mostrei a ninguém. Nunca pensei que era suficientemente boa.

**Mas com este “A Improvável Viagem de Harold Fry” teve esse receio?**

Na altura não achava que fosse suficientemente bom. Mas começo a aperceber-me de que ao escrever um livro nunca sabemos muito bem o que é até alguém o ler. É como se fosse uma coisa de reflexo, que brilha de volta para ti depois de ter passado por outra pessoa. Essa é a minha batalha: para uma pessoa que tem muitas dúvidas pessoais o seu trabalho é livrar-se delas.

**Foi atriz durante muito tempo, trabalhou em companhias como a Royal Shakespeare Company. Porque não seguiu com a carreira?**

Por várias razões. Adorava representar mas comecei a ter filhos e durante algum tempo geria tudo. Ser atriz é uma carreira brilhante quando se é jovem, e para mim foi, mas com o tempo já não queria viajar e estar sempre longe da família. E também havia o lado social da coisa, e chegou uma altura em que queria estar por minha conta, a trabalhar tranquilamente.

**Tem saudades de representar?**

Não. Escrever é parecido com representar. Quando estás numa peça estás a expressar alguma coisa, e é o mesmo quando escreves, estás a expressar algo.

**Li que vive numa quinta, com o seu marido, os seus filhos e muitos animais. Gosta de estar no campo?**

Adoro. Somos muito felizes lá. Até há 12 anos vivíamos em Londres mas tanto eu como o meu marido ficamos mais interessados na terra, em poder olhar para o céu. Essas coisas alimentam-nos. Como as cidades dantes faziam mas já não fazem.